

Algoritmo

Tiago Novaes¹

ME SEPAREI HÁ SEIS MESES E DECIDI VIAJAR. Escrevo do México. Descubro aqui que vim para um luto. México era um projeto de casal. É também o país em que um antigo amante de minha ex-companheira desapareceu. Faz tempo que quero vir para cá. Mas quando tentava persuadi-la a escolher o México como destino de férias, ela se incomodava, como se guardasse um segredo. Depois, acabou dizendo que antes de nos conhecermos, teve um caso aparentemente mal resolvido, que o este sujeito foi parar no México e, desde então, ela tinha sentido uma atração repelente pelo país. Quando me disse, senti que perdia o México, que não apenas nós dois perdíamos o México mas que eu, só eu, perdia o México. Depois, nos separamos e veio a ideia de vir ao México.

O dia de minha partida coincidiu com o aniversário de minha ex-companheira. Desejei-lhe os parabéns numa mensagem de texto, forjando o despojamento esperado para estes momentos. Ela me chamou para tomarmos uma cerveja. Foi muito bom que tenha dito isso, porque foi a chance de dizer: ah, que pena, estou indo para o México. Quando voltar, certamente, combinamos alguma coisa. Ela respondeu de pronto. Perguntou quanto tempo ficaria por lá. Eu disse quatro semanas. Seguiu-se um longo silêncio; depois, uma resposta, também alegre.

Em nenhum momento, a minha antiga companheira demonstrou que se ressentia com a viagem. Mas no íntimo, torcia para que sofresse, que sua leveza fosse um disfarce. Depois, embarquei, aterrissei e percebi que muitas das coisas da viagem (asfalto, *chile*, relíquias mexicanas) viviam com ela. Demorou um tempo para me dar conta disso e fiquei bastante chateado. Eu precisava aproveitar a viagem. Afinal, quando nos separamos, ela fez isso. Ela viajou e divulgou o fato aos quatro cantos. Uma nova mulher. As pessoas me diziam: sua ex-namorada está viajando. Eu pedia que não comentassem. Não queria saber. E para abstrair-me do fato doloroso, eu me esquecia disso. Despertava às seis da manhã e trabalhava. Tinha um romance e uma tese de doutorado para concluir.

Eu teria de permanecer em São Paulo até a defesa da tese. Eu teria de permanecer em São Paulo e redescobrir a vida de solteiro aos trinta e sete para trinta e oito anos. As minhas experiências de solteiro e de separação foram muito distintas a cada vez. Apesar de toda a ansiedade que experimentei depois de terminarmos, esta foi a mais serena de todas. Percebi que estava pronto para voltar à condição de solteiro. O pânico não me visitou. O desamparo veio mais como problema do que como onda avassaladora. E, desta vez, eu sabia que tinha em mãos um aplicativo de relacionamentos e estava disposto a compreender as minhas inibições.

Vamos dar um nome a este aplicativo. Vamos chamá-lo de *Algoritmo*. Trata-se de um pequeno programa que se pode baixar gratuitamente em qualquer *smartphone* que se vale de um banco de dados de pessoas interessadas em conhecer outras pessoas.

Adquiri meu primeiro *smartphone* em novembro de 2014. Era um modelo muito barato, só tinha espaço para alguns poucos aplicativos. Um dos primeiros que instalei foi esse. Há dois anos

¹ Tiago Novaes é Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Coordena o canal online **Escrita Criativa**. Além disso, é docente do programa de pós-graduação em Criação Literária do Instituto Vera Cruz. Publicou *Estado Vegetativo* (Callis), *Documentário* (Funarte) e *Os amantes da fronteira* (Dobra), entre outros.

e meio, sim, eu me sentia bastante sozinho. Mas não me dava conta disso. Não conseguia nomear. A palavra, simples, feia: *carência*. Como tentava me esconder desta palavra, o afeto se manifestava em sintomas incômodos que resultavam num isolamento ainda maior.

Quando instalei o aplicativo de relacionamentos pela primeira vez, saí com uma garota enquanto conversava com outra. Sentia-me culpado em conversar com duas garotas ao mesmo tempo. O aplicativo banalizou este escrúpulo neurótico. Segundo a moralidade do “não falar com duas ao mesmo tempo”, acreditava-se que deveria guardar uma fidelidade à garota antes mesmo que ela se tornasse sua companheira.

Eu representava um *script* nos primeiros encontros. O roteiro do homem apaixonado, sem me sentir de fato apaixonado, encarnava a convicção. Não estar convicto parecia uma fraqueza.

Tenho uma amiga que disse:

Tiago, você precisa entender que existe um limbo, um hiato bastante complexo e difuso entre estar só e estar namorando.

Aos poucos, fui percebendo que estes pólos são fictícios. Percebi que a incerteza do hiato era tudo o que havia e que construí uma versão fantasiosa da realidade com base nas falsas polaridades.

Você precisa usar a incerteza a seu favor, Tiago.

Coube a nós viver na era da ambiguidade, disse uma vez a minha amiga. Coube a nós viver no tempo dos aplicativos.

Sempre fui bastante ruim para compreender o idioma da ambiguidade.

Não quis convencer. Não quis seduzir.

Se ela não gosta de mim, está bem. Se terminamos, estamos terminados.

Pode-se dizer que a consciência do hiato foi uma das grandes contribuições do aplicativo de relacionamentos à minha subjetividade.

Mas o que é o hiato?

O hiato é um terreno de imprecisão hermenêutica. Neste terreno, projetamos os nossos temores. Enxergamos na superfície semovente do hiato o que nos falta e enxergamos também o que nos apavora.

Quando instalei o aplicativo em 2014, passei a namorar a primeira pessoa que conheci. É esta, de quem falo. E por isso, praticamente não cheguei a usar o aplicativo. Estava falando com uma garota e saí com a outra. Esta outra tornou-se a minha namorada. Parei de falar com a primeira.

No mesmo dia em que terminamos, dois anos depois, voltei a instalar o aplicativo. Minha ex-companheira me dizia que eu era um cara sensível demais. Ela dizia que eu tinha complexo de vira-latas. Quando a gente se separa, fica com estas palavras na cabeça. E por isso comecei a usar o aplicativo no dia em que terminamos. Porque queria provar que a verdade acusada não me definia, que não tinha poder de me capturar.

Nesses anos todos, a impressão era de que as minhas escolhas amorosas foram mais ou menos arbitrárias, mais ou menos provisórias, dependentes da contingência e do grau de carência. E quando não parecia o caso — quando queria muito estar com alguém, quando sentia “é ela, é ela, é ela” o meu desejo implodia a possibilidade desta história dar certo. Isso aconteceu mais de uma vez e a frustração com estas histórias mal resolvidas ressurgem como um alerta de que será melhor buscar algo brando. Que este “é ela” carrega tanto de verdade quanto de mentira.

Mas tinha um problema e este problema diz respeito a ser um homem num tempo em que ser homem é manifestar um desejo de homens. Não ser machista, não ser fraco. Entender o que quero para mim agora aos trinta e oito anos.

Havia, claro, a questão do desejo sexual. Tinha de encontrar alguém, sendo ou não “ela”, porque carrego uma pulsão muitas vezes sem destino e que pode ou não ser um atributo masculino ou feminino, mas que muitas vezes, em discursos de crítica ao machismo, soam a um desrespeito, um abuso, num mundo sublimado, estilizado e pouco à vontade como o nosso. O meu desejo sexual era machista? Este desejo me diminui? Terei de escondê-lo, de disfarçá-lo, de minimizar seus efeitos até que cumpram com sua realização?

Sobrevivi a uma namorada que me julgava misógino (vá viver com isso) e outra que me considerava um covarde (vá viver com isso). Ouvir isso nos tempos da revolução feminista, como baixa inevitável, é algo que exige certa elaboração. O amor masculino está sob suspeita, e com razão. O difícil seria diferenciar as queixas das ex-namoradas magoadas à luta legítima das mulheres. Uma ex-namorada me diz durante uma manifestação a favor da legalização do aborto: “Tiago, você é o homem mais feminista que conheço.” (Há um tom de deboche no comentário, de desafio, e eu fazia que não era comigo.)

Homens, afinal, não amam. Seu amor é uma forma de dominação. De posse, como bons latifundiários que são.

As namoradas têm razão. Minha sensibilidade é um papo, um xaveco, Minha confusão é manha. Para qualquer lado, o que faço afronta. A barriga, imoral, burguesa, a repugnante calvície do homem que insiste em desejar.

Será que em algum momento vamos nos reconhecer? Será que a poluição sonora deixaria? Será que por trás (Por trás? Por trás?) dos milênios de opressão feminina e patriarcado, neste nosso tempo apocalíptico, este confronto, esta guerra erótica vale a pena?

Agora, a união masculina é bruta, tribal. A união feminina é libertária. Toda literatura, a partir de agora, deve ser feita pelas mulheres, pelos negros, pelos transgêneros. Homens: é chegado o momento de calar-se.

No aplicativo, este conflito se acentua.

Mas se acentua em silêncio.

Há uma estética envolvida.

Falemos da estética: nas mulheres, os lábios unidos, como se mandassem um beijo. Os biquínis. As selfies dentro do automóvel. Fotos diante da torre Eiffel. As frases de efeito. Nos homens, os peitorais. Os carros conversíveis. Um uniforme do exército. Estar entre os amigos. As frases de efeito. Há as fotos ruins, apressadas, com câmeras de baixa resolução. As fotos escuras, onde quase nada se vê. Os casais que convidam a desfrutar de um bom momento, sem drogas, sem vícios. As religiosas e aquelas que mostram os filhos. E muitas maneiras de ser criativo: a fotografia, o design, a moda, as tatuagens, a postura heróica, a postura indiferente, o não estou nem aí pra isso, o me tira daqui, o do que se trata afinal. Olhar para a câmera, o olhar além. Há as fotos em vestidos de festa, o glamour um tanto passado da validade, o abdômen seco, o bronzeamento artificial. A empatia política. A pose sexy. A superprodução. As imagens meio pornográficas e feias. As banais e bonitas. Enfim, todo tipo de expressão sedutora e antissedutora. Uma história visual da vida privada e da vida narcísica.

As pessoas ficam sabendo de você por meio de dois recursos. Texto e imagem. Fotos suas. Um texto de apresentação.

Nos últimos meses, escrevi quatro apresentações diferentes.

A primeira durou pouco e não a guardei. Atraía gente muita séria. Sociólogas. Psicanalistas. Falava em *polissemia*, em *gesto*, essas bobagens.

Depois, elaborei isto aqui:

“Já namorei, já fui casado. Não tive filhos. Estou solteiro. Não quero ninguém para salvar e ninguém para me salvar. Uma companheira, mas antes disso, bons momentos. Não tenho pressa. Ando bem feliz.

Nunca vou ser um bom moço (no sentido de que nunca vou ser o sujeito sofá-sala-automóvel), mas acredito nos vínculos e gosto de fazer planos. Não tenho carro nem quero ter. Fumo maconha de vez em quando. Gosto de tomar umas com amigos.

Sou escritor e vivo disso. Viajo muito e nunca tive uma companheira de viagens. Seria lindo.

Como a coisa é mais complexa do que esse app quer dar a entender, não guardo muitas expectativas.

E como não poderia deixar de ser, não acho que rolaria com alguém que fosse indiferente ao golpe. ForaTemer, sempre.”

Nesta introdução, peço pelo excesso com a pitada de lugar comum. Não há humor. Esta introdução também durou bem pouco. Inspirado por uma garota de Nova Iorque, escrevi outro:

“Como começar? Nasci no Uzbequistão, caçula de sete irmãos. Minha família caiu na miséria e mendiguei nas ruas de Dubai até uma ONG estrangeira me acolher. Desde então, aprendi treze idiomas. Fiquei milionário investindo em batatas chips feitas com soja transgênica. Arrependido, acabei seduzido pela família Cruise a me converter ao criacionismo. Abandonei a fé. Mochilei pela vida e caí no aplicativo de relacionamentos, esta estranha Caverna do Dragão sem Mestre dos Magos. Hoje, sou obeso e fumante mórbido. (ForaTemer)”

Algumas pessoas escreviam me perguntando se era verdade tudo isso, se tinha mesmo sido um órfão nas ruas de Dubai. Outras não queriam sair comigo. Combinavam apenas para dizer que tinha sido a apresentação mais criativa e hilária que já viram. A introdução era boa, mas estava muito engraçadinha. O engraçadinho se esforça demais para chamar atenção e não é uma mensagem que queria transmitir. Tinha de pensar em algo leve e inteligente. E que não fosse mentira, mas também não almejasse tudo, não buscasse a síntese, não falasse de relacionamentos e nem de política.

Escrevi outra apresentação, que ficou assim:

Lexicógrafo amador.

Acredita no poder da tapioca.

Já gostou mais de Cortázar.

Um pouco lento para se tocar de certas coisas.

Apaixonado pela sobrinha, que vive longe.

Workaholic até as 17h.

Adota certos bares como preferidos.

Quer conhecer o México, a Índia. Quer ir a Portugal mais uma vez.

Já fez várias aulas de gafieira mas não sabe dançar.

Gosta de nadar. Gosta de praia. Sonha com a solidão dos píncaros na escarpa inacessível.

Não vê TV.

Utópico pragmático.

Ama gatos.

Aos poucos, utilizando quase todas as semanas o aplicativo de relacionamentos, comecei a produzir relacionamentos numa escala nunca antes vista. Ao mesmo tempo, comecei a me relacionar com o próprio aplicativo. Ele me apresentava o retrato de mulheres. Eu as rejeitava e

eu as aceitava. Às vezes – e só às vezes, porque era estatisticamente raro — o retrato da mulher aceitava o retrato do homem, e eu podia começar a conversar. Mas se seguia uma nova seleção, porque muitas vezes sequer começávamos a conversar. Como eu rejeitava e aceitava com uma certa celeridade, muitas vezes acabava aceitando o que no fundo não achava aceitável. Mensurava meu próprio desejo. Será? Será? E sem conseguir explicar a razão, rejeitava uma combinação previamente estabelecida.

No aplicativo é muito fácil desaparecer. O outro tem o seu primeiro nome e os seus amigos em comum. Por ser mais fácil desaparecer, torna-se menos sentencioso e arriscado começar a conversar. Há uma espécie de intimidade pública nas imagens. Muitas mulheres se escondem atrás de grandes armações de óculos escuros. Outras substituem as imagens por uma citação. Há aquelas que se misturam a outras mulheres, e quando você está aceitando, não sabe se aceita ela ou a amiga que está do lado dela.

O aplicativo é uma biblioteca de rejeições. Dispõe, na projeção estatística do acaso, o cruzamento dos desejos imprecisos. Dentre a infinidade de anônimos próximos ou espalhados pelo mundo, ele mostra o rosto das pessoas que admiram o seu rosto.

Quando há uma correspondência, estabelece-se um acordo tácito. Há um interesse de ordem erótica entre vocês. E este interesse, apresentado num *continuum*, derruba convicções fictícias. E indica alguns resultados, que vou arrolar aqui:

1. O algoritmo mostra que você é desejável;
2. Sendo desejável, ele mostra que está tudo bem desejar e não desejar; afinal, somos tantos;
3. Não há pressa em se definir, o jogo pode seguir indefinidamente;
4. Multiplicando a quantidade de encontros, você passa a entender melhor o que quer e o que não quer; às vezes fica mais exigente, às vezes mais aberto;
5. Algumas histórias não terminam; passa-se a acumular uma série de rolos, de relatos inconclusos;
6. Passa-se a conhecer os melhores bares em seu bairro para sair com elas; você fica amigo do garçom, as mulheres não;
7. Você desenvolve estratégias simples e eficazes. Começa a conhecer as pessoas pela diferença entre elas em situações semelhantes.

O algoritmo dispõe da variedade como um recurso. Ele conversa com o desejo e tenta acompanhar os seus movimentos e idiossincrasias. Ele passa a te ler como um antidestino, como se as linhas de sua mão fossem ondas, espuma e ressaca. Ele te dá piscadelas, como se dissesse: te conheço. Eu te desconheço. E me abro para a sua intempérie.

Eu sei que dormindo, você quer enxergar, ele diz.

Desperto, sonhar. Em sonho abrir os olhos. Lúcido, fechá-los. Entregue, entender. Sabendo, estar só. Íntimo, em companhia. Apaixonado, em paz. Cansado, quer festa. Em festa, ler. Lendo, escrever. Absorto, calejar. Ambulante, deter-se. Calado, quer cantar. Rouco, proferir. Falando, estar só. Só, fugir ao tédio. Sensível, endurecer. Pragmático, cuidar. Fumante, parar. Farto, faminto. Frio, veranear. Na areia, quer sofá. No asseio, a lama. Na infância, o esquecimento. Etéreo, quer carne. Carnal, quer descansar. Cansado, colo. No colo, zarpar.

Mas todo jogo de cartas também tem um fim em si mesmo. E Algoritmo é, em essência, um jogo de cartas, onde cada pessoa é uma carta que você, que também é uma carta, retira de um monte central e distribui entre outros dois montes, à sua esquerda e à sua direita. Este jogo te ocupa em momentos desocupados. É uma distração. A cada vez que você faz um movimento dentro do aplicativo, ele o registra e começa a construir um grande algoritmo com base nas suas

preferências. Ele modula o tempo que você passa em cada imagem e interpreta isso a seu critério. Ele te apresenta cartas que outras pessoas combinaram. Se quem gosta de um rosto também gosta de outro rosto, e se este é um comportamento mais ou menos estável entre os usuários, o aplicativo vai se valer dessa conduta e apresentar cartas semelhantes, distribuídas, é claro, entre outras dessemelhantes. Isso porque o algoritmo descobriu que reunidas lado a lado, as semelhanças se anulam e estimulam a rejeição.

Sempre que você entra no aplicativo, o algoritmo te apresenta as melhores cartas, as mais populares. Dentre elas, as cartas que também te escolheram. Desta forma, você começa a se viciar e continua jogando. Porque você imagina que será sempre assim. Mas o aplicativo engana, porque lá pelas tantas, enviará uma série de cartas indesejáveis. E furioso, você continua a jogar, porque quer recuperar a sorte. E ao mesmo tempo atestar o caráter infinito do jogo. Há uma satisfação em saber que até as possibilidades impossíveis são infinitas, que o universo destas possibilidades se estende e dá voltas ao planeta.

Aos poucos, começa a entender alguns padrões de comportamento. O comportamento no jogo é basicamente uma relação que se estabelece com o hiato sobre o qual falei há pouco. O jogo é o hiato, afinal de contas. O algoritmo lida com o hiato da ambiguidade dos desejos, ambiguidade entre o sim e o não, entre o abismo e o abismo. Existem as jogadoras que querem chegar ao desenlace do jogo o mais rapidamente possível. Você aprende a suspeitar desta jogadora, a suspeitar da falsa convicção que disfarça uma ânsia por estabilidade apressada que pouco ou nada tem a ver com você. Existem aquelas que só querem jogar e você precisa pensar se terá fôlego para isso, se terá de passar a um outro jogo ou espaçá-lo no tempo, que é no fim das contas a terceira variável. Existem aquelas que aguardam o seu jogo, são espectantes e querem uma certeza para habitar, porque estão acostumadas a conviver em solos alheios, a se abrigar no ninho de cosmovisões estrangeiras e exóticas, de alguém de corpo menos quebradiço, mais consistente. Existem as que jogam e reclamam, muito angustiadas com o hiato e que manifestam de várias maneiras: pelo insulto, pelas lágrimas, pela queixa, pelo desânimo, pela desistência intermitente. Existem as que cultivam o sonho do jogo, e o preservam por meio da distância. E você, que também apresenta seus padrões, menos evidentes a você que aos outros, compõe um ritmo com os padrões do outro jogador por meio de espera, da continuidade, da ruptura, da sensibilidade e da estratégia.

Se você adquire a modalidade *Plus* do algoritmo, ganha alguns direitos. O primeiro: pode jogar com pessoas em qualquer cidade do mundo, e não apenas com aqueles que estiverem próximos a você. Isso te permite, por exemplo, começar a jogar em uma cidade que irá visitar em breve. Você também ganha o direito de esconder a própria idade. Isso se torna uma vantagem, porque um número acaba inibindo certas escolhas. Além disso, a modalidade *Plus* permite que uma vez por semana e durante trinta minutos, você esteja entre as primeiras cartas de outras pessoas. Mas para isso, durante esses trinta minutos, terá de jogar e da maneira mais impulsiva que conseguir. Nesses trinta minutos, você está correndo contra o tempo para encontrar combinações. Mas mesmo aí os resultados são distintos. Às vezes você consegue duas, três combinações. Às vezes, consegue oito. Quando vai rever as cartas que combinou, acaba descartando a metade. Mas o efeito é de potência. Aqueles trinta minutos são um novo rearranjo nos acasos da vida. Cada carta é um caminho, uma realidade aumentada. Porque sabemos que o jogo de cartas extrapola os momentos de distração: produz encontros. Produz relacionamentos. Combina o mais trivial gesto de embaralhar cartas ao mais crítico momento em que você irá tomar um banho, passar o fio dental, fazer bochecho durante trinta segundos, escovar os dentes, pensar numa roupa bonita que te valorize, sair de casa, tomar um automóvel num aplicativo de carros e encontrar alguém que nunca viu, um desconhecido, e procurar nesta pessoa as cartas que você combinou. Se por

acaso o outro jogador ou jogadora esconderam o jogo, este caminho deixa de ser uma possibilidade porque você é avassalado, quer queira, quer não, pela falta de vontade de continuar jogando com esta pessoa. Por outro lado, você também não pode esconder o jogo, porque se você quer uma combinação ou a maior quantidade de combinações, o fato é que o que mais quer é que seja verdadeira, que corresponda ao campo visual, discursivo e em consequência, afetivo da matéria simbólica das ideias de duração, de beleza, de conforto, de aventura. Mas parte do jogo sempre permanece oculta para ser revelada adiante. São as cartas na manga e as outras, nos fundilhos, que você poupa até que o outro jogador esteja muito envolvido no jogo para abandona-lo. E você quer ver as cartas desta desconhecida e ao mesmo tempo não precisa vê-las, porque há uma excitação do momento inicial, o espanto de um rosto desejanste que demonstra interesse em algo que você não sabe o que é nas cartas que apresentou, que pergunta e responde numa sucessão ágil o suficiente para que o jogo não esmoreça, para que algo não se veja: um truque, um blefe, um tique, um lapso, todos ocultos no silêncio amorticado. E você está ali, sabendo que o algoritmo segue trabalhando fora do aplicativo, e tem consequências perniciosas: como te deixar intolerante, por exemplo. Afinal, a próxima carta sempre pode ser melhor que a anterior. Você pode estar num bom jogo e a sua companhia se retirar, e o único motivo ser que esta pessoa está jogando com outros e não consegue administrar o próprio tempo. Se você estiver gripado, por exemplo, e adiar um encontro, o outro jogador pode começar naquele mesmo dia a jogar com um terceiro. Este terceiro, cabe dizer, é um jogador indireto. E você, de maneira difusa, irá se sentir um tanto frustrado pela sequência de jogos interrompidos. A frustração dura pouco. Afinal, a recorrência das cartas acaba provocando no jogador a lassidão, uma indiferença que costuma surgir a partir da infinidade de possibilidades. Você começa a aproximar todos os outros jogadores, e começa a jogar como se todos fossem um só, e prossegue num diálogo consigo mesmo e com estes outros que você toma como um só. Continua um jogo que só você joga, mas com vários outros jogadores, várias outras cartas. Você é uma carta e está submetido à mesma indiferença, a mesma incerteza. Mas esta incerteza se ocupa. Afinal, é sempre a sua vez e a vez de alguém. Pára uma impressão de que você participa de uma grande suruba social. Você não se sente totalmente rejeitado porque alguém sempre está ali, escondendo e revelando o jogo. Você lida com a rejeição pela substituição. O teu sim irá aplacar o não de alguém. E como um viajante que chega num albergue num país estrangeiro e conhece o pessoal que também está ali de passagem, hospedados por pouco tempo, você está sempre dizendo o que faz e o que gosta de fazer, de onde você vem, para onde pretende ir. Sempre refinando as respostas e jogando com a própria variedade. O viajante está jogando consigo próprio. E, em certo momento, a mulher que está diante de si pede, com muita delicadeza, que você abra sua mochila e vá retirando os pertences, e você o faz com pudor e cálculo, mas também desajeitado e manco, vai retirando uma escova de dentes, uma coleção casual de conchinhas, uma camisa amassada, recibos de compras, moedas entre grãos de areia e de terra, um guia de viagens muito pesado e que não chegou a usar, um diário. E seguirá retirando o que há lá dentro, torcendo para que a mochila continue cheia, apesar do esvaziamento. Até que, ainda absorto e entretido nos fundos negros de sua bagagem, deter-se-á, erguerá a cabeça e se dará conta, entre constrangido e atordado, que não está entendendo nada.

Recebido em: 24 de agosto de 2017

Aceito em: 17 de setembro de 2017